

LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2011. 256 p.

Altamir Botoso*

O livro *A arte da ficção*, de autoria do romancista e ensaísta inglês David Lodge (1935 -), traz, a partir da abertura, uma nota do tradutor (p. 4) na qual informa ao leitor a sua opção por traduzir os trechos citados na referida obra, consultando outras traduções disponíveis. Em seguida, um sumário, subdividido em cinquenta tópicos que tratam de distintos e variados elementos que dizem respeito à ficção; um prefácio escrito por Lodge (p. 9-11); um índice onomástico (p. 237-239), com os nomes dos romancistas e teóricos mencionados e, finalmente, um tópico intitulado “indicações bibliográficas” (p. 240-245), elencando as traduções em português dos romances cujas passagens são analisadas em sua obra.

No prefácio, David Lodge informa que, originalmente, os textos que compõe o livro, na sua maioria, foram publicados no jornal *The Independent on Sunday* e expõe o seu método de análise: “Toda semana eu escolhia uma ou duas passagens breves de romances ou contos, clássicos ou modernos, para ilustrar algum aspecto da “*Arte da Ficção*” (p. 9).

O autor enfatiza que se restringiu aos autores ingleses e americanos, pelo fato de ser professor de literatura inglesa na Universidade de Birmingham e estar familiarizado com tais autores. Contudo, em seus exemplos, Lodge exhibe uma cultura literária ímpar, ao mencionar Homero, Italo Calvino, Gabriel García Márquez, Gustave Flaubert, Kazuo Ishiguro, Choderlos de Laclos, Salman Rushdie, Sófocles, dentre outros, evidenciando o seu extenso conhecimento do campo literário.

* Doutor em Letras, área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Campus de Assis-SP e professor do Mestrado em Letras da Universidade de Marília-SP, Unimar. abotoso@uol.com.br

Uma das grandes virtudes do livro vem expressa no prefácio, quando David Lodge (p. 11) declara o propósito de sua obra com extrema simplicidade e despretensão, afirmando que a obra em questão é um texto para as pessoas que preferem ter contato com a crítica literária em doses homeopáticas, um livro para folhear e para degustar. Portanto, um livro que não tem a pretensão de ter a última palavra em nenhum dos tópicos que abrange, mas que vai, segundo Lodge, aguçar o entendimento e o proveito que os leitores tiram da prosa de ficção e sugerir novas possibilidades de leitura e até de escrita, dessa que é a mais variada e a mais proveitosa de todas as formas literárias, o romance.

De fato, constatamos que Lodge atinge o objetivo a que se propõe, uma vez que os cinquenta artigos, que fazem parte de *A arte da ficção*, são escritos numa linguagem clara, concisa e bem humorada, abordando aspectos como o começo dos romances, o suspense, o tempo, o ponto de vista, a escolha do nome das personagens, a intertextualidade, o realismo mágico, a epifania, o título, o fim, dentre outros elementos que podem fazer parte de uma obra literária.

A título de ilustração, tomemos algumas ponderações de Lodge (p. 51-53) a respeito do fluxo de consciência, uma das técnicas mais empregadas na ficção contemporânea e que pode ser considerada como um dos traços mais relevantes da ficção pós-moderna. Na concepção de Lodge, o fluxo da consciência foi um termo cunhado por William James, o psicólogo irmão do romancista norte-americano Henry James, para definir o fluxo contínuo de pensamentos e sensações na mente humana. Mais tarde, os críticos literários tomaram-no emprestado para descrever um tipo específico de ficção moderna que tentava reproduzir esse processo, representado por James Joyce, Dorothy Richardson e Virginia Woolf, entre outros.

De acordo com Lodge, há duas técnicas principais usadas para representar a consciência na prosa ficcional: o monólogo interior, no qual o sujeito gramatical do discurso é um “eu” e o leitor “escuta” o personagem verbalizar seus pensamentos à medida que lhe ocorrem, e o outro método, chamado discurso indireto livre, que apresenta os pensamentos como discurso indireto (na terceira pessoa), mas atém-se a um vocabulário típico do personagem e dispensa algumas convenções escritas necessárias numa narrativa mais formal, como “ela pensou”, “ela imaginou”, “ela se perguntou” etc., criando assim a ilusão de acesso íntimo à mente do personagem, sem que se abduca da participação autoral no discurso.

De um modo simplificado, sem ser simplista, Lodge tece um comentário sucinto e perspicaz sobre a teoria do fluxo de consciência e, em seguida, efetua a análise de uma passagem do romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, na qual alia a teoria à prática, além de comentar outros romances da escritora inglesa como *A viagem* e *As ondas*, apontando “uma técnica narrativa mais convencional” (p. 52) no primeiro e uma certa “artificialidade” (p. 55) no segundo, no que tange ao emprego do fluxo de consciência.

Vale destacar que o procedimento de aliar teoria e prática é recorrente em todos os textos que compõem *A arte da ficção* e revelam uma sensibilidade e uma grande capacidade de interpretação e análise por parte de David Lodge.

Apesar do fato de todos os artigos serem interessantes e instigarem os leitores a aprofundarem suas leituras, há alguns capítulos que se poderiam considerar como excepcionais, tendo em vista o tratamento dado à matéria narrativa e à síntese teórica propiciada por Lodge, conforme se pode observar nas seguintes seções: “O Leitor no texto”, “Prosa floreada (ou poética)”, “Intertextualidade”, “Realismo mágico”, “Polifonia”, “O narrador não confiável” e “Metaficção”.

Enfim, trata-se de um estudo abrangente e competente dos componentes romanescos e, conforme se lê na segunda contracapa do livro, Lodge lança “mão de suas habilidades como professor de literatura e escritor” e “usa como exemplos trechos tirados de obras-primas”, conduzindo “o leitor por um incrível passeio pelo universo da ficção”.

Além dos méritos do livro que já apontamos, as análises e os trechos dos romances que são citados, instigam o leitor a buscar essas obras e lê-las e isso é facilitado pelos editores da obra, que se preocuparam em fornecer ao leitor brasileiro as traduções existentes em língua portuguesa dos livros que são estudados e analisados em *A arte da ficção*.

Sem sombra de dúvida, a obra em apreço será de grande auxílio a estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de Letras, a professores universitários, que poderão aprimorar suas aulas de literatura com as análises e comentários de David Lodge e até o “leitor comum”, que poderá apreciar e aumentar seus conhecimentos sobre teoria e análise literária, ou ainda interessar-se pela leitura de romances estrangeiros, cuja variedade e qualidade Lodge atesta ao longo dos seus brilhantes artigos.

Data de submissão: 13/07/2014

Data de aprovação: 07/09/2014